

Ano 22 • Número 01 • 13 de janeiro de 2020

Exportações brasileiras mostram forte queda em 2019

Surpresa inflacionária e os próximos desafios para o Copom

Confiança industrial gaúcha é a mais alta desde fevereiro

Indústria gaúcha projeta aumento da demanda e do emprego

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Exportações brasileiras mostram forte queda em 2019

De janeiro a dezembro de 2019, o Brasil acumulou uma cifra de exportações da ordem US\$ 224 bilhões, ao passo que importou, no mesmo período, US\$ 177 bilhões, configurando um *superávit* da Balança Comercial de US\$ 47 bilhões no ano. O resultado, apesar de positivo, representa uma expressiva queda de 19,6% com relação a 2018.

O resultado fraco das exportações nacionais reside, em sua maior parte, na desaceleração sincronizada da economia mundial, o que diminui a transição de bens e serviços. Atrelado a esse fato, os principais parceiros comerciais do Brasil passaram por choques internos (como o caso da peste suína africana na China) ou lidam com uma crise interna, seja política ou econômica (como a Argentina e Chile).

No caso das exportações para China, o resultado no ano só não foi pior (-1,7%) devido ao forte aumento da demanda do setor de Alimentos (+63,9%), consequência da maior procura pelo complexo carne, principalmente no último trimestre. O setor de Agricultura e pecuária, grupo de maior peso nos embarques para China, teve forte queda no ano (-23,2%), reflexo da menor necessidade por soja, importante insumo para a produção da ração suína. Além disso, os setores de Celulose e papel (-4,6%) e Químicos (-24,7%) foram outros destaques negativos nas exportações para o país.

No entanto, o fator que mais implicou em perdas para as exportações brasileiras, sobretudo na indústria

de transformação (-5,6%), foi a instabilidade econômica e política dos países vizinhos. O caso da Argentina é o mais significativo, por conta do seu grande peso nas exportações manufaturadas do Brasil. Em comparação com 2018, a Argentina importou 34,8% a menos no ano que se passou. Na análise desagregada, o setor de Veículos automotores, reboques e carrocerias, grupo de maior peso nas exportações para aquele mercado, apresentou uma redução de 47,7% na comparação anual, seguido do grupo de Máquinas e equipamentos (-33,2%). Os números são explicados pela forte crise econômica que ocorre no país desde 2018.

Em menor impacto, porém em proporção relevante, o Chile contribuiu para a compressão das exportações brasileiras, devido à paralisação parcial da atividade econômica provocada pelos protestos do final do ano. No acumulado de 2019, o Chile importou 19,5% menos que o ano anterior, com destaque para os setores de Extração de petróleo e gás (-44,3%) e Veículos automotores, reboques e carrocerias (-18,9%).

Com as perspectivas de manutenção de uma economia mundial fraca e, por outro lado, de um crescimento nas importações, em resposta a melhora das condições internas, a expectativa do mercado para 2020 é que o resultado da Balança Comercial seja ainda pior. Nossa previsão* é um *superávit* de US\$ 28,3, o que levaria o saldo comercial ao mesmo patamar observado em 2015.

* Para maiores detalhes, veja o Balanço 2019 e Perspectivas 2020.

Surpresa inflacionária e os próximos desafios para o Copom

Na última sexta-feira, o IBGE divulgou os dados da inflação para dezembro. O IPCA apresentou variação de 1,15%, enquanto em dezembro de 2018 a variação foi de 0,15%. Com isso, a inflação acumulada em 2019 saltou de 3,1% para 4,3%, ultrapassando o centro da meta (4,25%), além de atingir a maior variação para um mês de dezembro desde 2002.

A forte aceleração do índice de preços observada no final do ano é consequência do aumento dos preços do grupo de Alimentação e bebidas. Somente em dezembro passado, o grupo apresentou variação de 3,38%, com influência de 0,83 p.p. na variação do IPCA cheio de dezembro. Na análise desagregada do grupo, o subitem de Carnes teve um aumento de 18,1% no mês, dando continuidade à escalada dos preços desse subgrupo, devido ao aumento das exportações para China e à desvalorização do real.

O resultado de dezembro surpreendeu o mercado, que esperava uma aceleração da inflação, porém não na magnitude observada, já que as expectativas eram de uma inflação abaixo da meta em 2019. Porém, mesmo com o choque nas proteínas, as medidas de núcleo de inflação permanecem confortáveis, o que sugere que os níveis de preço voltarão a um patamar mais baixo, o que pode aumentar o risco do cenário para a inflação.

Apesar das expectativas de mercado para a inflação de 2020 sugerirem que há espaço para mais um corte da Selic, haja visto que elas permanecem abaixo da meta (4,0%), um novo corte na taxa básica de juros pode acentuar a aceleração do nível dos preços observada no último trimestre. Contribui para essa hipótese o fato de que a economia já recebeu um estímulo adicional com a liberação de recursos do FGTS e PIS-PASEP no final de 2019.

Soma-se a esse cenário o fato de que, com as recentes reformas e ajustes fiscais necessários, iniciou-se um movimento de menor participação do Estado na economia e maior espaço e atuação para o setor privado, com o crescimento observado nos mercados de crédito livre e de capitais. Isso, por sua vez, pode dar mais força para política monetária vigente, o que por si só poderia sugerir uma interrupção do ciclo de cortes.

Por fim, é importante destacar que o nível de ociosidade da economia brasileira continua alto, apesar dos sinais de recuperação, tanto em relação à ocupação quanto à atividade. Considerando essas perspectivas, é arriscado julgar a necessidade de mais um estímulo, pois em um regime de metas de inflação, o que importa é o horizonte à frente, e as expectativas nos dizem que a economia ganhou tração.

Confiança industrial gaúcha é a mais alta desde fevereiro

O Índice de Confiança do Empresário Industrial gaúcho (ICEI/RS) fechou o ano de 2019 em 64,9 pontos, 2,9 acima de novembro, e no maior nível desde fevereiro de 2019. Nos últimos seis meses, o índice, que varia de zero a 100, avançou 9,1 pontos. Acima de 50, denota confiança, que se mostra mais disseminada entre os empresários, quanto maior for o valor.

O Indicador de Condições Atuais cresceu pelo segundo mês seguido e alcançou 59,2 pontos em dezembro, a maior marca desde os 61,1 de maio de 2010. Acima de 50, revela que as condições estão melhores. Também registrando o maior patamar desde maio de 2010, o Índice de Condições Atuais da Economia Brasileira atingiu 60,8 pontos, avançando nos últimos cinco meses 15 pontos, 3,8 sobre novembro. De fato, a avaliação dos empresários gaúchos sobre a economia brasileira mudou nos últimos cinco meses: em julho de 2019, apenas 11,4% viam melhora, em dezembro, são 48,1%. Da mesma forma, as condições das empresas (58,3 pontos) não são tão favoráveis desde junho de 2010.

Nesse cenário mais favorável, o otimismo dos empresários gaúchos também aumentou em dezembro. O Índice de Expectativas (IE) para os próximos seis meses foi o maior desde março de 2019: 67,7 pontos, bem acima de 50, faixa que expressa otimismo. O Índice de Expectativas da Economia Brasileira (IE-EB) avançou 4,0 pontos, atingindo 67,3, o maior patamar

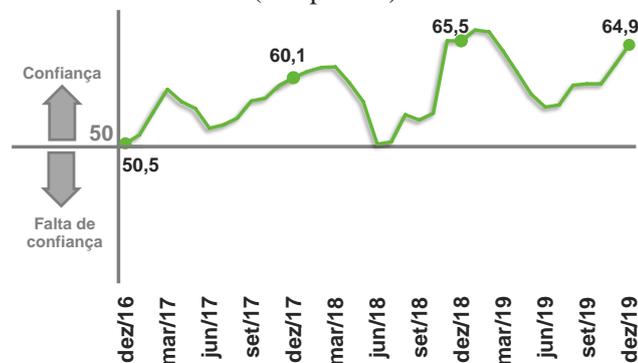
desde fevereiro de 2019. Já o Índice de Expectativas das Empresas (IE-E) subiu 2,5 pontos, para 67,9 pontos, o maior nível desde março de 2019.

A confiança da indústria gaúcha, que na maior parte do ano foi sustentada pelo componente de expectativas, nos últimos dois meses, passou também a contar com a melhora consistente das condições atuais.

A definição da Reforma da Previdência, a contínua queda dos juros e os primeiros sinais de melhora da economia provocam uma nova rodada de alta da confiança na indústria gaúcha. Mas, para que ela se sustente, a agenda de reformas e a economia precisam continuar mostrando resultados concretos.

Os resultados mantêm as perspectivas de que a atividade da indústria gaúcha deva retomar o processo de recuperação nos próximos meses.

Índice de Confiança do Empresário Industrial do RS (Em pontos)



Fonte: FIERGS.

Indústria gaúcha projeta aumento da demanda e do emprego

Os resultados da Sondagem Industrial do RS só trazem boas notícias para a indústria gaúcha no penúltimo mês de 2019. Todos os indicadores de atividade mostraram desempenho acima do padrão histórico do mês e os estoques recuaram. As expectativas também ficaram mais otimistas e a intenção de investir aumentou.

O Índice de produção em novembro registrou 54,5 pontos, 2,9 abaixo de outubro. A queda, mas com valor acima dos 50 pontos, significa que a alta foi menos intensa que a de outubro, mas ocorreu num período cuja tendência é de estabilidade (a média histórica do índice no mês é de 49,8 pontos, quase 50). Da mesma forma, o emprego, que historicamente tende a cair na passagem de outubro para novembro, cresceu após seis meses consecutivos de queda: o índice foi 51,4 pontos.

A utilização da capacidade instalada (UCI), indicador que mede a ociosidade do setor, também mostrou o mesmo comportamento, registrando um grau médio de 74,0% em novembro (1,0 p.p. acima de outubro) para uma média histórica de 71,9% para o mês. Repercutindo esse resultado, aos 49,6 pontos, o indicador de UCI em relação à usual mostrou que a UCI não ficava tão próxima do nível usual para o mês (50 pontos) desde abril de 2013.

Outra boa notícia da Sondagem de novembro foi a queda dos estoques de produtos finais. De fato, na maior parte do ano mostrando acúmulo indesejado, o índice de estoques em relação ao planejado ficou em 47,2 pontos. Abaixo de 50, denota estoques abaixo do planejado pelas empresas, o que sugere uma demanda acima da esperada em novembro.

Na opinião dos empresários, a expansão da atividade da indústria gaúcha deve continuar no primeiro semestre de 2020. Todos os índices de expectativas permaneceram acima dos 50 pontos em dezembro e, com exceção das exportações, que caiu de 54,0 para 52,6 pontos, cresceram em relação a novembro. Portanto, os empresários gaúchos projetam maior crescimento da demanda (de 56,9 para 58,6 pontos), das compras de matérias-primas (de 55,0 para 56,2 pontos) e do emprego (de 51,8 para 53,6 pontos).

Nesse cenário, a intenção de investir é a maior desde janeiro de 2019. Com três crescimentos seguidos, o índice de intenção de investir nos próximos seis meses alcançou em dezembro 58,2 pontos. O índice varia de zero (nenhuma empresa pretende) a 100 pontos (todas pretendem). Quanto maior o índice maior a intenção. Assim, o resultado revela bons sinais para os investimentos industriais nos próximos seis meses.